

GILBERTO ENTRE EUCLIDES E NABUCO

José Geraldo Nogueira Moutinho

A morte colheu Gilberto Freyre justo sessenta e seis anos após o nascimento dele na cultura brasileira. Foi, efetivamente, em 1922: jovem como o século, o mestre que vem de falecer apresentava à Universidade norte-americana de Colúmbia sua tese de Magister Artium: "Social Life in Brazil in the middle of the 19th Century". Estava lançada a semente da fabulosa obra que o pernambucano iria criar, mas, sobretudo, encontrava-se esboçada nessa ousada tese de rapazinho de vinte anos, aquela que seria a obra-prima dele, *Casa-Grande & Senzala*, quero dizer, datada de 1933. Trinta anos antes, apenas trinta anos, haviam se publicado *Os Sertões*. Gilberto, assim, como que deflagra o segundo ato do vasto drama intelectual que vem sendo a lenta, dolorosa parturição de nossa autognose. Ambos os livros são divisores de águas, compondo um díptico em que o Brasil pode reencontrar-se — não na superfície polida de um espelho — mas na profundidade de perspectivas abissais. Atente-se, porém, reitero, a que apenas três decênios separam esses dois gigantescos tratados brasileiros. Nesses seis lustros, quantos movimentos de translação e de rotação precisaram ser descritos pela inteligência nacional, para que a mestiçagem com o negro, e não apenas com o índio, adquirisse direito de cidade! Assim, faz apenas cinquenta anos, meio-século apenas, que soubemos assumir a nossa mulatice. A cultura, realmente, é uma longa aquisição: como a natureza, *non facit saltus*.

Em nosso processo gnoseológico como povo os degraus estão à mostra: *Os Sertões*, *Casa-Grande & Senzala*: etapas rigorosamente cumpridas, para que, afinal, se desenhasse, nítido, o perfil da brasilidade. E para que tal périplo se perfizesse, foi necessário que um jovem e genial pernambucano tivesse ido conviver,

nos anos de '20 (e também por tal motivo, decênio de importância talvez ímpar em nossa cultura), na venerável Universidade de Colúmbia, com colegas de nacionalidade definida, europeus de procedência vária, mas também senegaleses e idrúxulos e silenciosos indianos que, malgrado sua heterogeneidade, sabiam quem eram, enquanto ele próprio, Gilberto, sofria dolorida fratura psicanalítica: não conhecia a própria identidade. Faltava no decassílabo de Euclides, no verso famoso que declina a mesclada gênese dele — “misto de celta, de tapuia e grego” — uma etnia cuja introdução iria não só quebrar o ritmo do verso, mas assustar também o sono inconseqüente da burguesia brasileira: o Negro, metonímia da infância que recalçitrávamos em reconhecer, que nos recusávamos obstinadamente a incorporar. Foi Gilberto Freyre que metrificou em prosa, em lugar do Baudelaire que não tivemos, os langorosos alexandrinos nossos “À une Malabraise”, proclamando, à sua maneira, em tonalidade em que a mais rigorosa consciência científica se matiza de cáldio sangue sensualmente lírico: “Tes grands yeux de velours sont plus noirs que ta chair”.

Há outras linhas de fuga que aproximam e distanciam o livro de Euclides e *Casa-Grande*. Não aludo apenas ao espaço que vai da áspera linguagem científica e positivista do engenheiro ao límpido, incoativo idiolecto gilbertiano. Nesse nível há que levar em conta o tributo pesadamente pago por Euclides no século XIX declinante à sintaxe lusa que nos coarctava, a libertação trazida pela Semana de Arte Moderna, as civilizadoras estações do jovem Freyre nos Estados Unidos e na Europa, o contacto dele com os mestres da poética “Imagista”, o clima mais arejado que livros como *Retrato do Brasil* de Paulo Prado haviam injetado nas oclusas camarinhas de nossa estreiteza nativa. Nesse plano em que vige a temporalidade específica de cada um dos autores, não há oposições a considerar. Tanto Euclides quanto Gilberto são espíritos rigorosamente sincrônicos, inscrevendo-se ousadamente nas correntes principais e avançadas do tempo histórico respectivo que viveram. O que me agrada contrastar não são as diferenças formais entre as escrituras de ambos. Agrada-me, antes, é contrapor o traço visionário do discurso euclidiano ao temperamento lírico do discurso gilbertiano. Em Euclides há alguma coisa do Profetismo vétero-testamentário, uma insidiosa isoformia, não confessada, não admitida, mas latente, surda, pulsante, com o talhe mítico de Antônio Conselheiro. É uma espécie de adesão compulsória, indeclinável ao objeto de estudo, ao sujeito da especulação. Euclides da Cunha angustia-se com o futuro de um país que teve sua Vendéia ao agreste de Canudos. Por isso há nele alguma coisa de Isaías.

Em Gilberto Freyre, a perspectiva é invertida: o que o inquieta não é o futuro, é o passado, são as origens, é a exumação do patriarcalismo gerado pela monocultura latifundiária já em nosso distante século XVI. Por esse motivo a linguagem dele não pode ser crispada nem abstrusa. Não é uma prospecção geológica de engenheiro que empreende, é a audição sensível a rumores esmaecidos que cumpre captar e que o sismógrafo ultra-sensível de sua mente apreende: não a *Iliada*, mas *Os Trabalhos e os Dias*; não Homero, Hesíodo. Assim como em Euclides há incoercível tendência ao macrocósmico, em Gilberto adivinha-se inarredável atenção ao microscópico, à minúcia, às articulações secretas e sutis, ao osso de Cuvier, a partir do qual é possível reconstituir todo um monstruoso esqueleto

de pterodátilo antediluviano. Uma frase, um período, um daguerreótipo, um retrato a óleo, uma toaleta de sinhazinha, um "caso" de assombração, uma modinha imperial são elementos preciosos nessa sociologia do conhecimento, genética em sua essência, capaz de rearticular e insuflar vida a toda uma galáxia desfeita em poeira. Não é por acaso que no admirável prefácio a *Casa-Grande* esteja dito com todas as letras que "o estudo da história íntima de um povo tem alguma coisa de introspecção proustiana." Constatação talvez até mais conseqüente do que o autor poderia supor, se nos demorarmos na análise da gestação de seu grande livro, gestação investigável passo a passo nesse precioso diário intelectual que é *Tempo Morto e Outros Tempos*.

Fascinante aventura espiritual com efeito se delinea nas páginas desse livro. É em 1921, em Nova York, que desponta em Gilberto Freyre, então aos vinte anos, a idéia de estudar a psicologia do menino como um aspecto da sociologia do brinquedo. A obsessão em interpretar a personalidade do homem através do que ele foi na infância acompanha-o, solicita-o, ora sob a forma de uma *História da Vida de Menino no Brasil*, ora como *À Procura do Menino Perdido*, título mais proustiano sendo inconcebível. No Recife, agora em 1924, a idéia toma corpo. Gilberto confia-a ao amigo íntimo José Lins do Rego; sente agudamente a necessidade de "uma nova consciência de nossas origens africanas e de nossas raízes ameríndias". Dois anos mais tarde, em 1926, encontramos-lo voltado à elaboração de "uma espécie de autobiografia ou de memórias de um indivíduo entendidas em histórias ou em memórias de todos os meninos do Brasil. Uma volta de um indivíduo à infância e uma volta de todo um povo ao que tem sido a infância dentro desse povo, através de várias gerações. Há algum livro que realize esse quase impossível?". Em 1928, admite: "Se conseguir isto terei realizado façanha semelhante à de Santos Dumont."

Sobrevém, por essa época, 1930, o exílio de Lisboa. Vive, então, em Portugal, "o afã de escrever um livro que seja um grande livro, revivendo, o mais possível, o passado, a experiência, o drama da formação brasileira." Alguns dias depois, confia a si mesmo que, o seu, será "um livro como não há igual: originalíssimo." Pergunto-me se algum estudioso já se terá demorado na análise da transformação da sonhada *História da Vida de um Menino no Brasil* nesse alto monumento chamado *Casa-Grande & Senzala*, que o próprio Gilberto insiste em considerar uma obra autobiográfica. Tal idéia nunca teria aflorado na mente de um Euclides da Cunha, pré-proustiano que escrevia com cipó à margem da História. Há muito ainda a desvelar nas raízes de *Casa-Grande & Senzala*. Inclusive no que a obra possa ser tributária das duas "iluminações" sofridas pelo moço Gilberto, em Paris em 1922, em Lisboa em 1923. *Casa-Grande & Senzala: o Du côté de chez Swann* e o *Côté de Guermantes* em clave brasileira. Temos em Gilberto Freyre nosso Baudelaire e nosso Proust. Basta. Mas o que sugeri nestas linhas não basta, por si, para explicar as raízes, a pré-história do grande tratado gilbertiano. É preciso ir além. Abrangendo "artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor" — isto é, de 1918 a 1926 — os dois volumes de *Tempo de Aprendiz* contêm como que as primícias do grande sociólogo, deixam entrever, retrospectivamente, o nascimento de intensa curiosidade intelectual, de extraordinária faculdade de atenção a todas as latitudes

do universo mental, dons que se cristalizariam na maturidade do ousadíssimo decodificador de nossa cultura. Descobrimo o mundo e vendo-nos a distância, o jovem pernambucano já, talvez sem o presentir, terçava armas em favor da redescoberta do Brasil que irá, pouco depois, faustosamente encetar.

Nada, nas setecentas páginas de *Tempo de Aprendiz* aponta volitivamente a qualquer desígnio. Antes, tudo nelas compõe indecomponível, imponderável trama, em cujo fluido desenho pode-se reconhecer a inteligência do *scholar* plúmítico siderada, imantada por aquela realidade desvendada à leitura dos Goncourt: a "história íntima". São, assim, páginas, em certo sentido, arqueológicas, e a elas deve-se, obrigatoriamente, juntar o ensaio "Vida Social no Nordeste", inserido em 1925 no *Livro do Nordeste*, comemorativo do centenário do venerando *Diário de Pernambuco*. Fragmentos de mosaico, esses escritos dos anos de '20 antecipam o futuro painel, o tríptico essencial formado por *Casa-Grande & Senzala*, *Sobrados e Mucambos*, *Ordem e Progresso*. Tome-se, ao acaso, em *Tempo de Aprendiz*, qualquer página de boa fatura jornalística, isto é, de genuíno corte literário: uma correspondência, por exemplo, datada de Nova York, 1922:

"Visitei há dias, num sobrado de Madison Avenue, ilustre senhora, Mrs. Richard Rundle, sobrevivente do Rio de Janeiro de 1850. Seu tio, o Sr. José Maxwell, escocês de boa fibra, foi, então, dono de grande trapiche e negociante de peso. Vivía com certo fausto em Andaraí, num casarão sólido, que talvez ainda esteja de pé: possuía grande número de escravos e uma carruagem puxada por quatro cavalos: recebia na sua casa figurões brasileiros e viajantes ingleses e americanos como Kidder e, ao morrer, em 1854, seu enterro foi acontecimento de nota. Meio caturra, como todos os escoceses, usava o Sr. José Maxwell, em pleno período de calças compridas, calções de cetim e sapatos de fivela."

Além da indefinível música machadiana do período, o que impressiona no confronto do jovem recifense com o universo de signos e referências é o fundo apelo de uma tradição, cujos estilos de vida prismaticamente deprecavam por exegeta que, com segurança, os interpretasse. Jaz em incisos como esse menos a demonstração de um fim do que a articulação de meios: ouvido absoluto à escuta do passado, colhendo distantes, abafados ecos, para recompor o mural metafórico dos tempos pretéritos.

Adestrava-se, assim, o estudante de Ciências Sociais em Colúmbia e Oxford a prosseguir a linhagem de Nabuco. O instigante, porém, é que não foi despertado nos manuais de Antropologia o desejo desse saudável mergulho no passado. Foi, antes, suscitado no comércio com sensualíssimos, sensibílíssimos articuladores de ficções: Jules e Edmond *Goncourt*, que, clarivamente, anteciparam: "L'histoire intime; c'est ce roman vrai que la posterité appellera peut-être l'histoire humaine." A leitura de *Tempo de Aprendiz* é, assim, por um de seus aspectos, por aquele mesmo que o autor pitorescamente crisma de "adolescência", quase ofuscante. Por outro, reconduz-nos ao limiar de um decênio em que poderosos eixos aglutinadores demarcavam intelectualmente o país. No Recife, o *Diário de Pernambuco* publica matérias do jovem Freyre em andanças por *Seca e Meca*, enquanto que, em São Paulo, a *Revista do Brasil*, na grande fase sob a direção do Monteiro Lobato, se honra em acolhê-lo, estampando-lhe críticas à pintura de Vicente do Rego Monteiro, à obra de Oliveira Lima. Os tem-

pos são agitados por crepitante fervor antiestrutural em vários níveis, do político ao estético. A Semana de Arte Moderna abriu brecha a todas as permissividades, e, em 1928, Paulo Prado publica *Retrato do Brasil*. Todavia, quando Gilberto em seus artigos nomeia Joyce, Francis Carco, Apollinaire, há quem lhe escreva anonimamente, acusando-o de inventar escritores inexistentes para encher a coluna do jornal . . . Tributo inevitável pago inexoravelmente por todos quantos, "in partibus infidelium", proclamam pela primeira vez as últimas metamorfoses da poesia e do romance.

A tônica dos volumes em que se encontra coligida a produção jornalística do "foca" Gilberto Freyre é o fervilhamento intelectual, a exuberância da riqueza temática. Perdulário, o livro chega a ofuscar a vista: mal se acredita que o autor dele seja um rapaz apenas saído da adolescência, escrevendo, entre dezoito e vinte-cinco anos com desvencilhamento insólito em aristocrata provinciano transplantado aos grandes centros norte-americanos e europeus. Contemporâneas a esses textos jornalísticos, certas correspondências coletadas em *Cartas do próprio punho sobre pessoas e coisas do Brasil e do Estrangeiro* reproduzem outros segmentos da trajetória gilbertiana antes de *Casa-Grande*. São documentos que interessam como subsídio precioso à compreensão de complexíssima vocação intelectual, em que Antropologia cultural, Sociologia, História Social assomam, obviamente, ao primeiro plano, mas — puro paradoxo — não são essas disciplinas científicas as únicas soberanas no espírito de Gilberto moço. Se observar-se com acribia, constatar-se-á que nessa clivagem subsiste, nunca descartado, o perfil de um puro criador, temperamento artístico incessantemente solicitado pela imaginação.

É por tal motivo que o futuro intérprete de nosso *ethos* é capaz de discernir, nesse incipiente noviciado da inteligência, a grandeza embrionária de renovadores e revolucionários estéticos que posteriormente se transformarão nos *phares* da modernidade, como o complicadíssimo criador do *Ulisses*. Aguda antena, com efeito, a do moço Gilberto, capaz de captar sinais raros como a solitária grandeza dos *Cahiers de Malte Laurids Brigge*, analisado em belo artigo sobre Rilke, escrito — singular coincidência — a 19 de dezembro de 1926, dez dias antes da morte do grande poeta na clínica de Valmont. Não sei se não terá sido essa, certamente, a primeira vez que no Brasil se declinou o nome do exilado de Duino.

O que impressiona fundamente, ainda, em Gilberto Freyre, além dos contrastes e confrontos com Euclides da Cunha, são as luminosas afinidades dele com Joaquim Nabuco. Pernambucanos de boa cepa, são ambos inteligências universais. Figuras cosmopolitas, espíritos polidos e civilizados no estrangeiro, tanto o autor de *Minha Formação* quanto o de *Ordem & Progresso* são, todavia, irremediável, medularmente brasileiros. Por isso, quando Gilberto fala do outro, fala, subconscientemente de si mesmo. Assim, os dois estudos dele reproduzidos na 10ª edição do grande livro autobiográfico de Nabuco, se diriam páginas de autodefesa, escritas, à maneira newmanniana, de "apologia pro vita sua". Não será necessário enfatizar, uma vez ainda, que se trata de páginas definitivas, indispensáveis à inteligência do mestre de *Minha Formação*. Nelas, Gilberto Freyre dá-nos um Nabuco total, e, entre outras brilhantes vistas sobre o texto,

mostra como o estilista que o escreveu não pode ser, segundo insidioso viés, simplisticamente reduzido a um intelectual literariamente afrancesado, anglicizado na maturidade e finalmente anglo-americano em suas idéias e inclinações especificamente políticas. Gilberto não nega que tais correntes alienígenas hajam fortemente modelado o pernambucano, mas mostra também, meridianamente, que tais influxos agiram "sem que destruíssem nele o sentimento da paisagem e a sensibilidade à tradição, ao passado e ao *ethos* brasileiro."

Era imperiosa essa radical retificação, pois Nabuco talvez seja entre nossos intelectuais do passado o mais acusado de haver-se alienado a estrangeirismos de toda casta. Todavia, ensina o mestre de Apipucos, "pode-se dizer do afilhado de dona Ana Rosa, senhora do patriarcal Engenho Massangana, que nunca se desprende da imagem protetora de madrinha tão brasileiroamente materna: talvez mais sua mãe que a própria mãe, aliás, uma pernambucaníssima Pais Barreto. De mulher tão para sempre abrasileirante de sua personalidade, como sua madrinha, Joaquim Nabuco nunca deixou de ser reflexo. O menino de Massangana, afilhado de madrinha tão absorvente, nunca parece ter deixado de existir depois de acariocado, no afrancesado, anglicizado, ianquizado Joaquim Nabuco."

Para os que têm o culto do homem que escreveu *Um Estadista do Império*, essa perspectiva iluminadora é definitiva, sobretudo por iniciar reflexões altamente convincentes sobre Nabuco como figura indispensável numa síntese que se considere autobiografia coletiva do Homem brasileiro. Nunca a interpretação dessa grande personalidade chegara a ser tão ousada. Só o profundo conhecimento de nossa cultura, o admirável poder de análise de Gilberto Freyre, capaz de deslindar os problemas mais árduos graças a elipses fulgurantes, alcançariam formulação assim desvendadora daquela genial figura. Assim, *Casa-Grande & Senzala* assoma em nossa bibliografia essencial entre Euclides e Nabuco, florescência gerada pela seiva dessas árvores poderosas que se chamam *Os Sertões, Minha Formação*. Por isso, 1909, 1910, 1987 assinalam momentos em que súbito eclipse nos mergulhou na sombra lutuosa das perdas irremediáveis. Mas o desamparo é de apenas um momento: saberemos sempre onde reencontrá-los, onde encontrar esses Mestres. É revisitá-los isentos da morte, redivivos, incólumes, na obra que criaram.